

REVISTA ÚNICA

Expresso #1925 19 SETEMBRO 2009



ENTREVISTA
PAULO AZEVEDO

"Aos
16 anos
tinha de
apresentar
orçamento
anual ao
meu pai"

ELEIÇÕES

Como se produz
um candidato?

CARTOONS

Quem é, afinal,
António?

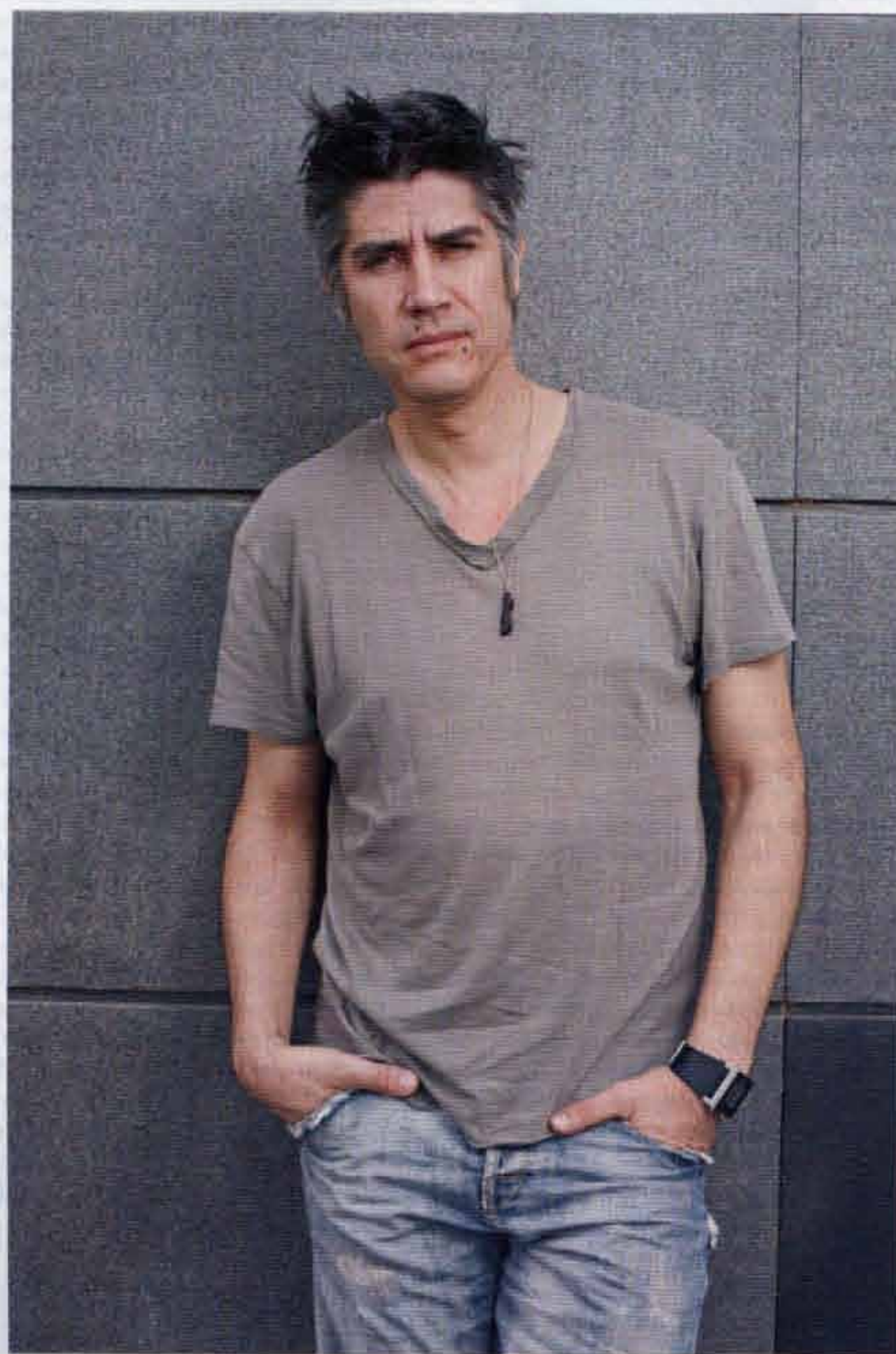
E AINDA

Os Ramos Pinto e os vinhos
Moda para o Inverno
A arquitectura segundo Aravena

ARQUITECTURA

“Não é o talento que faz um bom arquitecto”

Alejandro Aravena é dos mais conceituados arquitectos sul-americanos. No âmbito da Experimenta Design, veio a Portugal falar do que sabe. ENTREVISTA DE KATYA DELIMBEUF



Alejandro Aravena fala num brasileiro perfeito. A “culpa” é da mulher, oriunda do país irmão. Penteados revoltos e moderno, o arquitecto é um homem afável e acessível. É também um homem bonito. E humilde, apesar de ter um percurso já muito sólido. Pai de família — tem três filhos, de 11, 3 e 1 ano —, faz questão de almoçar todos os dias em casa, “a uma música de distância” do escritório, que fecha às 19h em ponto. Ser arquitecto não estava nos planos. “É apenas uma daquelas certezas que não se explicam”. Director da Elemental, tem uma série de prémios ganhos — o

DETESTA ARQUITECTOS-ESTRELAS, COM AGÊNCIAS PESSOAIS E DERRAPACENS ORÇAMENTAIS. PARA ESTE CHILENO, SÍNTESE E SIMPLIFICAÇÃO SÃO FUNDAMENTAIS EM ARQUITECTURA

Leão de Prata da Bienal de Veneza, o 1º prémio da 12ª e da 15ª Bienal de Santiago e a Medalha de Arquitectura Eric Schelling. Foi ainda professor convidado em Harvard, de 2000 a 2005, e deu aulas na Universidade Católica do Chile. Aos 42 anos, é membro do júri do Prémio Pritzker, o Nobel de arquitectura. Mas continua a achar que um arquitecto não é muito mais do que um construtor.

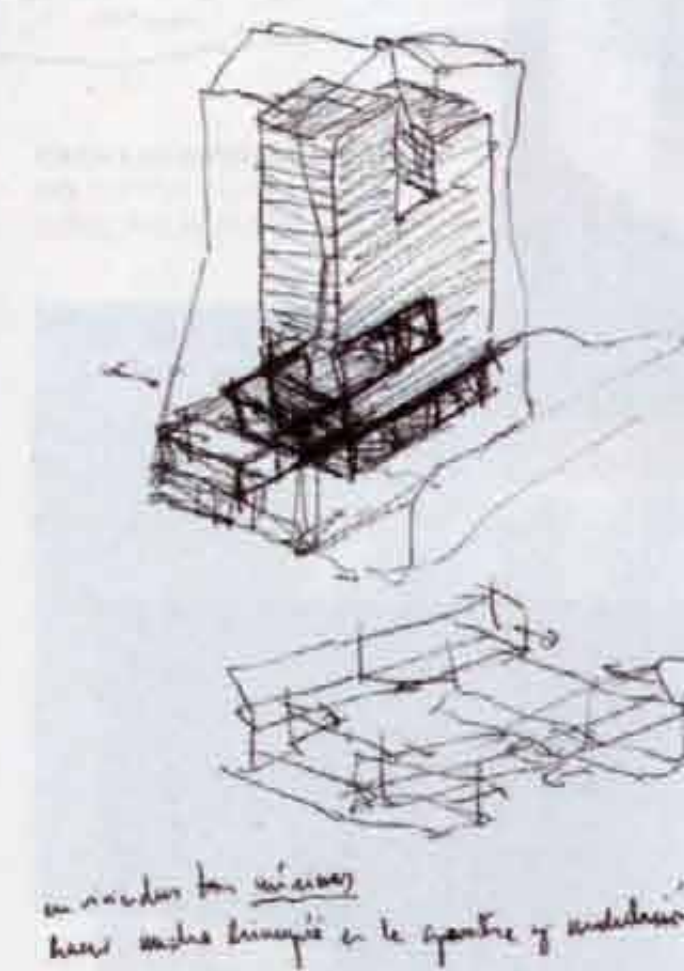
Vive em Santiago do Chile. Como é o seu dia-a-dia? Viaja muito? Tento viajar o menos possível. Gosto e preciso de estar em casa. Por isso escolhi viver no Chile. Não faz sentido viver num sítio e não passar tempo lá. E Santiago tem uma boa massa crítica de arquitectos que me estimula muito.

Qual o seu horário de trabalho num dia ‘normal’? De manhã, passo tempo com a família, chego ao escritório pelas 9h, 9h30, depois trabalho até às 13h, e vou

buscar os miúdos à escola para almoçar com eles. Vivo a uma música de distância, a pé ou de bicicleta. A seguir, regresso ao escritório e fico até às 19h. O maior luxo que uma pessoa pode ter é tempo. Quando trabalho tento estar muito concentrado — não atender telefonemas, nunca ir a reuniões ou festas... Não faço qualquer tipo de relações públicas ou *networking*. O que traz mais trabalho é a qualidade do trabalho. E para isso é preciso tempo.

Quando soube que queria ser arquitecto? Não sei... É uma daquelas certezas indizíveis. Não me considero um artista nem acho que a arquitectura deva ser uma arte. Se quisesse ser radical, diria que não é o talento que faz um bom arquitecto, é a capacidade de pensar em frases com sujeito e predicado. Simples, directas, lógicas, e no entanto, trazendo algo que não seja óbvio. Se não formos capazes de comunicar algo que criámos numa frase simples, não temos uma ideia. Os arquitectos tendem a entrar num problema complexo, simplificá-lo, e dar uma resposta complicada, para demonstrar que estão a lidar com questões complexas... Em vez disso, acho que, perante um problema complexo, se deve manter a complexidade e dar uma resposta simples.

É muito crítico da ideia do arquitecto-estrela, que considera esvaziar a função social da arquitectura... Tudo depende da pergunta inicial. Há alturas em que nos é pedido que façamos coisas que chamam a atenção numa cidade. As Torres Siamesas, por exemplo, na Universidade Católica de Santiago do Chile — pediram-nos especificamente uma solução marca de vanguarda. Seria injusto para com o cliente não lhe dar isso. Da mesma forma, a adega que estamos a fazer na Alemanha quer chamar a atenção do mundo inteiro, quer dizer que tem o melhor *terroir*. Mas esse impacto deve estar ao serviço das circunstâncias que nos são dadas, e não ser um passo estratégico de carreira. Não acredito em agendas pessoais. Os arquitectos que acham que têm um mundo interior tão interessante que



em muitos dos seus casos, há um muito bom exemplo de le. o grande y. sustentabilidade

têm de o partilhar são uma das piores coisas que aconteceram à arquitectura... Outra coisa que me incomoda imenso são as derrapagens orçamentais. Não entendo como há arquitectos que dizem isso com orgulho. Eu teria vergonha de fazer um projecto com o dobro do orçamento previsto. Uma ‘boa resposta’ não deve custar mais dinheiro. Mas custa mais tempo. A arquitectura, no seu núcleo, tem de ser sintética. Se não, faz-se uma tese, para a universidade. **É conhecida a importância que teve a habitação social no seu percurso. No Chile, construiu mais de 1000 fogos de carácter social — cujo desenho das moradias até patenteou e exportou para Monterrey, no México, e está agora em negociações com a Índia, em Mumbai.**

AS TORRES SIAMESAS, EM ESQUISSO E DEPOIS DE CONSTRUÍDAS, SEDE DO DEPARTAMENTO INFORMÁTICO DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTIAGO DO CHILE



Também disse, publicamente, que esse não era o trabalho mais reconhecido, que leva os arquitectos a receber o Pritzker... Devo ter dito isso antes de ser membro do Pritzker... (risos). Não me considero moralmente superior a ninguém. Essa opção no meu percurso foi uma combinação de pragmatismo e de não ser parvo. Tudo começou quando fui dar aulas a Harvard. Até então, tinha feito essencialmente edifícios públicos, para a Universidade. Mas se venho do Chile, que é um país pobre, era um bocado ridículo chegar ali e fazer coisas *cool*... O que fazia sentido era lidar com a escassez. Há também nisto uma dose de estratégia, identificar áreas onde não há ninguém é sempre uma mais-valia. A criação da minha empresa, a Elemental (uma parceria entre arquitectos, a Universidade Católica de Santiago do Chile, e a COPEC, a petrolífera chilena), teve muito que ver com uma conversa que tive com o actual ministro das Finanças de Bachelor em Harvard. Ele disse-me: “A habitação social é uma questão de mérito intelectual.” É uma pergunta de resposta difícil, e o que faz a diferença é a qualidade da cadeia profissional ao dar a resposta. Como esta costuma ser mal

ESTARÁ
LISBOA
PREPARADA I



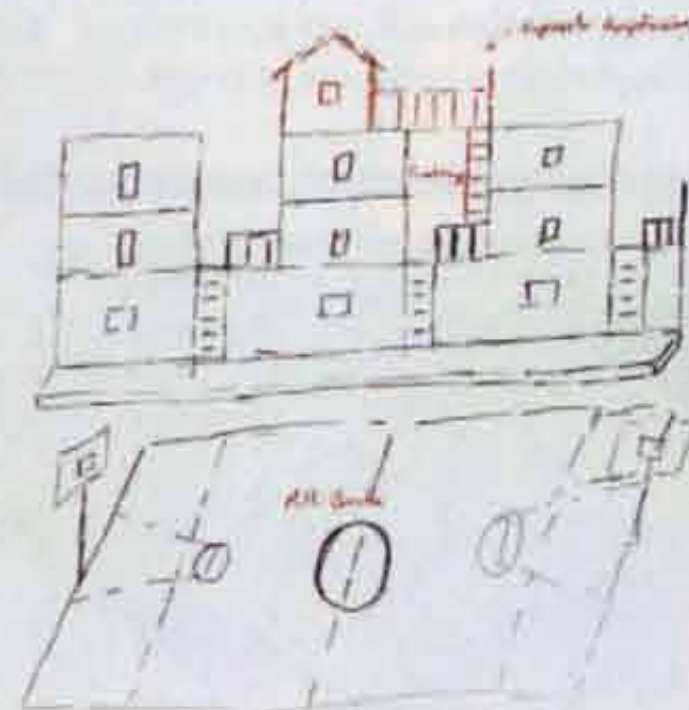
Blogue
para partilha de ideias
sobre a sustentabilidade
em Lisboa

DIVULGUE E PARTICIPE

www.lxsustentavel.com



O PROJECTO DE IQUIQUE (2003), COMPLEXO DE HABITAÇÃO SOCIAL. OS MORADORES PARTICIPAM NA CONSTRUÇÃO



paga, não é frequente encontrar bons profissionais interessados. O próprio nome da empresa, Elemental, tem que ver com o facto de a solução parecer óbvia, depois — e só depois — de ser encontrada.

Já construiu mais de 1000 fogos de habitação social... E estamos a construir mais 2000 — que não é nada, face às necessidades. A Ásia vai ser o sítio onde se irá assistir a uma das maiores migrações urbanas do mundo. Estamos a tentar antecipar isso.

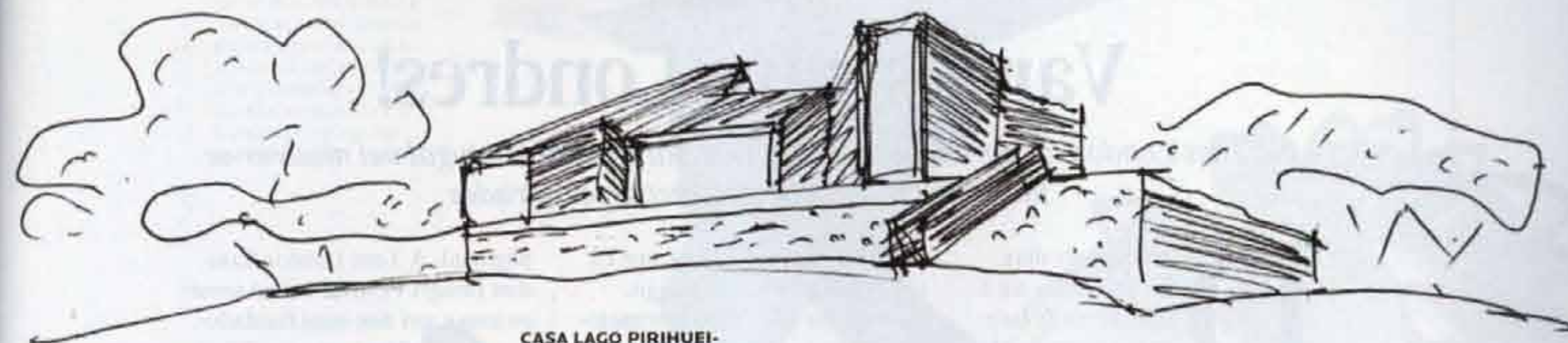
No projecto de Iquique, a norte do Chile, onde realojou 100 famílias, tem algum episódio marcante com moradores? Muitos. Nós nunca desaparecemos no dia da inauguração. Como os acrescentos dos moradores à estrutura que criámos (fundações, telhado, cozinha, casa-de-banho) são um processo contínuo, ficamos sempre a prestar apoio técnico. A relação nunca acaba. Fui muitas vezes convidado para ir jantar lá a casa — e vou, sempre que posso. Lembro-me particularmente de uma mãe solteira, que no dia da inauguração nos chamou, abriu uma garrafa de champanhe e disse, deitando a bebida na terra, num ritual inca: "Gostava de agradecer aos meus pais e aos meus avós. Este projecto não é para mim — é para os meus filhos e para os filhos dos meus filhos..." Nessa altura, quando te falam em duas gerações para trás e duas para a frente, o peso da linha que desenhavas no papel passa a ser completamente diferente... Tem que se ter muito cuidado para não criar um desastre que dure várias gerações.

Tem uma abordagem diferente da maioria dos arquitectos. Trabalha com os futuros residentes, reúne com eles, pede-lhes a opinião...

Sim. Os moradores ajudaram a criar soluções para o projecto, em conversas connosco, explicando que não queriam a construção em volta de um pátio central, e que preferiam estruturas mais pequenas para poderem ter maior controlo sobre quem entra e quem sai (o bairro tinha muitos problemas de droga, sendo que 95% dos moradores não tinham nada que ver com aquilo). Preferiam um único acesso de entrada e saída. As famílias participaram no desenho do projecto. Foi uma grande lição, fruto de uma discussão aberta.

Mas muitos arquitectos provavelmente não aceitariam críticas de pessoas sem conhecimentos de arquitectura, não? Por que haveriam de saber de arquitectura? É apenas uma ferramenta. Mas sabem como viver... E nós só estamos a construir sítios para eles viverem.

O que conhece da arquitectura portu-



CASA LAGO PIRIHUEICO, NO SUL DO CHILE (2003. ÁREA: 350 M2)

sa? Os clássicos: Siza, Souto Moura, Carrilho da Graça, Távora...

Há algum projecto deles que gostaria de ter feito? O Siza é muito impressionante. Há três trabalhos dele que tiveram consequências no meu trajecto: "Bonjour Tristesse", em Berlim, a Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre, no Brasil, e o Pavilhão de Portugal, que fui ver ontem, ao vivo — sobretudo a escala e o peso, que não se conseguem ver em fotografia. É uma coisa tão simples, depois de estar feita... Não



podes deixar de dizer: "Uau! Isto é muito bom! Como é que ninguém se lembrou disto antes?" Ou quando vi a maquete da Fundação Iberê Camargo, pensei: "Este tipo perdeu-se"... Achei que não ia funcionar. Todos aqueles volumes, curvas, rectas, rampas... E no entanto, a síntese que ele conseguiu ali é absolutamente incrível... O grau de dificuldade era muito alto. Ali, o Siza não foi Siza — teve o mérito de se reinventar. Apesar de não precisar. Isso foi impressionante. ■



RAMOS PINTO
Est. 1880

A CASA RAMOS PINTO
LEVA O DOURO A LISBOA

ESPERAMOS POR SI! | ENTRADA LIVRE

1ª PROVA
D'OURO

24 DE SETEMBRO
DAS 19H00 ÀS 23H00

CENTRO CULTURAL DE BELÉM
SALA FERNANDO PESSOA, LISBOA